



TÍTULO - MARIKA' 72

AUTOR - GUILLERMO GENTILE

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TRADUÇÃO - JURANDIR ALLIATTI

ENDEREÇO - RUA CARLOS VON KOSERITZ , 930
PORTO ALEGRE RS

Handwritten signature



PERSONAGENS -

JOÃO - O homem primário. Ligeiramente espástico.
Sumamente afetivo e de assombro espontâneo.

MARTINS - O contrário - o intelectual .

PAI - O mundo alienado . Pai de João. Esquisofrênico
e homossexual reprimido. O importante é sua
esquisofrenia : Seu desdobramento em pai e mãe.

LUGAR - Buenos Aires ou qualquer outro lugar .

ÉPOCA - Atual .

A falsa imagem da mãe é a falsa imagem da afetividade
que o mundo alienado oferece aos homens .



contê

Martins - (com naturalidade) Que baralho você vai investigar...
Eu estou falando sério.

CORTES

João - (cortante) Eu também estou falando sério! -(pausa).
Martins - (com receio de ferir João entra inconscientemente no seu jôgo) - Você investiga?...

João - Claro! Por minha conta... Aqui em casa.

Martins - O que é que você investiga?

João - Destudo... Os roubos... Os crimes...

Martins - Que crimes?

João - Como que crimes? Você nunca leu um jornal? Eu junto todos os recortes e depois sigo as pistas viu? Igual a Sherlock Holmes...(pausa) . Eu gosto de descobrir (pausa)

Martins - Você é meio esquisito, você...

João - Pra mim o esquisito é você. Pois és confuso.

Martins - Eu? Porque? (sorri)

João - Sei lá! És confuso... Arranjas um monte de complicações e não tens onde cair morto.

Martins - O que acontece é que você não entende. Você não entende que eu não quero que seu pai...

João - Quem não entende é você! O meu pai vive me dizendo que eu procure um amigo. O que acontece é que você não conhece o meu pai.(pausa)

Martins - Mas você não tem amigos?

João - Não. Bom...tinha...na escola.(pausa). Você estuda,não é?

Martins - Sim...

João - Eu sei ler...Leio corrido. (Martins não sabe o que dizer)

Martins - Quantos anos você tem? (toca inconscientemente sua barba).

João - Vinte e quatro. E você?

Martins - Vinte e cinco...

João- Você parece mais...claro...com essa barba...Sabes com quem você se parece?

Martins - Não vá me dizer que com Che Guevara só porque tenho barba. (Ele gostaria de se parecer com Che Guevara).

João - Não, com outro. Não posso me lembrar do nome. Sério. Tenho o desenho num livro. Eu te mostro logo (Sai) É um cara muito importante. Aguarde aí que eu encontro o livro. Tá aqui. Tem nome de rua sabe?

Martins - De rua?

João - (entrando) Sim. Olha, tá aqui. Prudente de Moraes. Parece com você, não parece?

Martins - Não enche o saco! (ri)

João - Mas você é igual. Olha só!

Martins - Você está louco! Com quem que eu me pareço?

João - (lendo) Embaixo tem dois números.

Martins - Deve ser o ano que nasceu e morreu.

João - 1894 - 1898. Viveu 4 anos?

Martins - Não. Me perdoa. Foram 28 anos em que foi presidente da nação.

João - Foi presidente 4 anos.

Martins - Sim.

João - Como durava antes. Olha, se chegares algum dia a presidente, a casa já tons. (vai guardar o livro)

Martins - (sorrindo) Eu não gosto dos políticos.

João - Nenhum? (Se detém na porta)

Martins - Não.

João - Papai diz que tem alguns que são gênios.

Martins - Sim, gênios. Gênios da promessa... Prometem tão bem!...

João - Você não gostaria de ser presidente?

Martins - Não.

João - E astronauta? Que todos o vejam na televisão, caminhando na lua?

Martins - Não.

João - E campeão?



Martins - Campeão de que?

João - Campeão... Campeão de qualquer coisa. Te sentir grande...
forte...

Martins - Não sou grande nem forte...

João - Se você é campeão, sim...

Martins - Cala-te, louco (Martins rechaça tôdas as imagens fictícias).

João - (Sorrindo) : Você é esquisito, heim?... (Sai. Martins se olha no espelho com satisfação. Vai até o relógio e o põe às 19 horas. As agulhas voltam súbitamente à hora zero)

Martins - (deixa o relógio. Olha com desgosto a casa, ventando):
Linda casinha, heim?

João - (entrando sem o livro) - Você vai gostar.

Martins - Vamos ver o que diz teu pai.

João - Vê como você é esquisito?

Martins - Perdoe-me. Você sabe o que acontece. Não é todo dia que aparece um cara que te oferece uma casa onde viver... ~~... e daí, há se nunca de mais quando te oferecem algo, pensas logo no que é que vão te pedir.~~

ante

CORTES

João - Eu não te pedi nada.

Martins - Não, não quis dizer que você me pediu algo. Pelo contrário. O que quis dizer... (João baixa a cabeça. Se sente ferido. Martins compreende) . Bem melhor não falarmos mais nisso. Vamos ser amigos, está bem? Mesmo que eu não fique em tua casa, assim mesmo vamos ser amigos.

João - Eu quero que fiques... Disse que a casa era linda.

Martins - Sim, é linda.

João - Então fiques.

Martins - Está bem. Vamos ver eh?... (pausa) Ô cara! Como era mesmo que te chamavas?

João - João. Papai me chama de Nenê. E você?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Martins - Martins.

João - Martins.(pensa) "O Presidente Martins" . O que é que você estuda?

Martins - Filosofia.

João - (Pausa.Olhando o volume de livros): Eu sei ler...

Martins - (desconcertado) :Sim...já me disseste.

João - Por que não me mostra os livros? (Martins se surpreende).

Martins - (Adivinhando a intenção de João) Queres ver meus livros?

João - Sim.

Martins - Bem...Olha(Abre a bolsa) Mas cuida bem deles,ok?

João -(Pega um livro. Olha-o como um objeto raro):Filosofia - da-história. Eu gosto.

Martins - Você gosta?

João - Você me empresta? (Quase ofendido porque Martins não responde prontamente):Você me empresta?

Martins - Sim,sim,te empresto...Para que que você quer? (João o olha estupefato)

João - (pausa) Como para que? (pausa. Profundamente assombrado) Você é louco? Para que serve um livro?

Martins - ...para ler...

João - Claro...Puxa,você me assustou...Pensei que não sabias para que serve um livro...

Martins - O que acontece ... é que não gostas do que é melhor. Se queres eu te empresto um outro que você pode gostar mais.

João - O que sabe você sobre o que eu gosto? Você não quer me emprestar...

Martins - Não,não. Eu te empresto. É que os melhores são mais difíceis...para ler...

João - Não,Martins.Se eu leio rapidamente. Eu só paro um pouco



se encontro alguma palavra nova. Mas quase nunca
tenho problemas.

Martins - Mas é que aqui você vai encontrar muitas palavras no-
vas...

João - (pausa) : O que está havendo?

Martins - Nada...(João olha-o fixamente buscando a verdade)

João - Eu sei o que queres dizer...Você pensa que eu não vou
entender nada.

Martins - Não,não é isso.

João - Visto como me dei conta? Sou ou não sou um investigador?

CENA II

(Entra o pai apurado)

Pai - Olá Nenê. (A Martins) Boa noite. Com licença,sim? (So-
be em seguida. Para o pai é totalmente normal o fato de
encontrar um desconhecido na casa)/

João - Olá Papi. Me escutas?

Pai - (desde dentro) - Sim Nenê! Desço em seguida.

João - Papi,encontrei um amigo.

Pai - Muito bem!

João - Tem cara de Presidente e vai viver com a gente.

Pai - Me parece muito bom.

João - Se chama Martins. Tem muitos livros porque estuda...

Pai - Ah! Isto é ótimo! Um amigo assim te faz falta. Não como
êsses moleques de bar que eram uns mal-educados e te ti-
ravam o dinheiro.

João - (A Martins) - Viste como não há nenhum problema? Papi,
vou dar para êle o meu quarto,assim vai ficar mais cô-
modo.

Pai - Está bem.

Martins - Não! Escuta...eu não quero que você...



João - Outra vez estás te fazendo de cortêz? Papi!

Pai Já desço Nenê! Estou ocupado!

João - Está se fazendo de cortêz, papi.

Pai - Diga a êle que não seja bôbo. Que faça de conta que está na sua casa.

Martins - Escuta João... eu não quero...

João - Não sejas bôbo. Faça de conta que estás na tua casa.

Martins - O teu quarto não, João. Não quero.

João - É o melhor de todos. Tem muita luz e...

Martins - É que é teu... É teu quarto. Eu posso me arrumar em qualquer canto. Escuta, eu não quero incomodar ninguém, nem que por minha causa tenham que trocar alguma coisa.

João - Papi!

Pai - Já vou nenê (ruído de descarga de WC)

João - Êle continua se fazendo de cortêz.

Pai - Lhe disseste para que não seja bôbo?

João - Já lhe disse. Terminaste?

Pai - Estou lavando as mãos. Agora eu desço e resolvo tudo.

João - (desafiador) Venha já papai!

Martins - Escuta João. A única coisa que eu neço é que não mudem nada. Não quero que hajam mudanças por minha causa. Você entende?

Pai - (entra secando as mãos) - Nada, nada de desculpas. Muito prazer. Você é um amigo de meu filho e a casa é sua. Você não imagina quantas vêzes eu disse ao Nenê para que procurasse um bom amigo.

Martins - Eu lhe agradeço muito, senhor... mas... eu queria...

Pai - Nada, nada de mas. Nenê, leva as coisas dêle para o quarto.

João - Sim, papi. (Sai com os volumes)

Pai - (Vê o espelho novo. Vai até êle com ansiedade. Muda completamente ao olhar-se. Com profundo desagrado) :



Este espelho...tenho que trocá-lo...a imagem se deforma e já não se vê bem .(Martins o olha surpreendido . O pai se dá conta e trata de justificar-se). Se há coisa que me incomoda são os espelhos que deformam a silhueta. Sente-se. Sente-se e ponha-se à vontade. Então você se chama Martins? Estou realmente surpreendido. Conte-me, conte-me porque estou ansioso. Como se encontraram? Faz muito tempo que se conhecem?

Martins - Na realidade, senhor, nos conhecemos esta tarde...

Pai - (Assombrado) :Esta tarde? Não se conheciam antes?

Martins - Não, senhor, compreendo que lhe pareça estranho mas nos conhecemos há umas duas horas...

Pai - Há duas horas?

Martins - (Justificando-se) Eu disse a João que o senhor se surpreenderia. (Quase está para ir embora).

Pai - Surpreender-me? Estou perplexo! À primeira vista! Como nas novelas! Que emocionante! Não te parece? Não há nada que fazer! A vida é uma novela. Uma novela como essas da televisão onde sempre aparece gente nova e se alongam e se esticam. Assim a nossa vida também vai se esticando. Eu sempre digo para o Nenê que sem nos darmos conta, todos os dias escrevemos um capítulo novo de nossa vida, e que todos somos personagens da grande novela do mundo. Eu penso que todos nós somos protagonistas de nossa própria vida. (Trata de agradar Martins com seus conceitos) O importante é triunfar. Você é jovem e se sentirá seguro, isso é natural, porém não pense que é fácil nos convertermos nos heróis de nossa própria novela... Por isto sou um apaixonado pelos teleteatros. Se aprende tantas coisas... Tem momentos em que a gente sente...que se...já não é um...e se vive toda esta paixão da atriz,...ou do ator, e se inflama...se inflama...



que você quer que eu diga, eu me inflamo. Esses dramas tão reais! Essa complicações tão atuais!... Tão de nossa época!... É que época nos tem tocado viver!... Fascinante! Realmente eu não saberia como chamá-la... É tão elétrica...

Martins - (Está muito nervoso. Os conceitos do pai o repugnam. Quase cortante) : Eu diria simplesmente que estamos em setenta. (Pausa) O pai se desconcerta) .

Pai - Claro! Já estamos em setenta. (Não sabe o que dizer) Como passa o tempo heim? Quem haveria de dizer! O rádio, a televisão, as viagens espaciais, o progresso! Tudo em tão poucos anos! Eu sempre digo para o Nenê que quando se der conta vai se encontrar penteando seus cabelos brancos. Ele ri. Claro, ele é tão jovenzinho... igual a você... porque com essa barba a mim você não engana. Se vê logo que você é um menininho. Não sei porque me ocorre que você é um garotão. Não me faça caso. Estou falando só como um papagaio. Sou tão charlatão! Não lhe parece? (Pausa Martins está envolto em outros pensamentos. Subitamente raciocina)

Martins - Sim senhor... digo... não, senhor. (pausa)

Pai - Eu queria lhe dizer algo...

Martins - Eu o escuto...

Pai - É algo um pouco delicado, sabe?... É sobre o Nenê... Eu penso que você pode ajudar (O pai busca a cumplicidade do Martins. Dentro de sua alienação, é muito astuto)

Martins - Claro, em tudo que me seja possível.

Pai - O Nenê é muito bom...

Martins - Sim...

Pai - Mas é meio tonto, sabe? Ele passa a vida com seus recortes de jornal e sai muito pouco. Se não fôsse pela televisão, não conheceria nada da vida.

Martins - Eu não creio que João seja tonto. É meio ingênuo...

Teatro de Aracaju
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Lhe falta um pouco de experiência...

Pai - Isso... Você é um rapaz inteligente, heim? Claro que sim! Não tem experiência... Além do mais, a mãe o abandonou quando era criança... Era uma louca. Só pensava nos homens, sabe? (Melodramático) Para o Nenê lhe faltou uma boa mãe. Todos necessitam uma mãe. Quem não a necessita? Mãe é uma só, não te parece? Você tem mamãe?

Martins - (totalmente natural) Não, não tenho mãe.

Pai - Bem, não fique triste. Aqui você vai se sentir à vontade. Eu, lhe posso fazer um pouco de papai... e de ... mamãe. Eu com o Nenê faço até de mamãe. Assim que não se preocupe: carinho é o que não lhe faltará. (Pausa. Subitamente o pai agarra-lhe o joelho. Imediatamente se reprime. Martins o olha seriamente. O pai sabe que sua atitude é inconcebível, injustificável, e trata de desviar a conversação.)

Pai - Assim, que você estuda...

Martins - (muito sério) Sim senhor. (Toca inconscientemente a barba).

Pai - Eu estudei quando era jovem. Na escola fui sempre o melhor em Civilidade... e recorde que fiz um curso por correspondência...

Martins - (quase agressivo) Que curso?

Pai - Sobre arte... arte culinária. Mas não pude terminar... O correio era tão ruim. (Não sabe o que dizer para sair da situação. Martins está muito sério. O pai vê o relógio que marca sempre a zero hora e inventa). Ah! Que tarde! Que tarde que é!... Nenê!...

João - (de dentro) - Que é, pai?

Pai - arrumaste o quarto?

João - Sim, já termino.

Pai - Assim preparo o jantar.



Martins - Nós já comemos.

Pai - Já comeram?

João - Sim, papi. Comemos no restaurante.

Pai - Jantaram juntos?... Que romântico!... A vida é uma novela!
Você não quer comer alguma coisa mais?

Martins - Não, obrigado. Eu poderiatomar um banho?

Pai - Ótima idéia! Assim vais descansar melhor. Nenê! (João entra). Dê-lhe uma toalha limpa para que se banhe, depois faça a cama aqui e te deita.

João - Esta noite vou ler um livro que Martins me emprestou.

Pai - Nada de livros. A noite foi feita para dormir e não para ler.

João - Eu quero ler.

Pai - Não me venha com caprichinhos. Para a caminha que já é tarde.

João - (a Martins) - Venha ver o quarto. Depois te dou a toalha. (Sai. Martins olha o pai, logo ao relógio, novamente para o pai e sai.)

Pai - Não se ponham a falar, Nenê!

João - Que?

Pai - Me ouviste, não é?

(O pai sai. Em seguida volta a entrar e pega uma pistola de baixo do sofá. Esconde-a na cômoda. Olha-se no espelho com desgosto e volta a sair. Entram João e Martins.)

João - O banho está pronto. A água quente é da torneira da esquerda (Lhe dá a toalha) Você se banha sozinho?

Martins - Sim.

João - A mim quem me banha é o papi... Não queres que lhe diga que te banho?

Martins - Não, não, não quero. Já sou grandezinho.

João - Se quiseres, eu o chamo.

Martins - Não, João ; te juro que não quero.

João - Estás te fazendo de cortêz...



-2-

Martins - Não João, e termine com isto. (Levanta a voz) Eu me banho sozinho tôda a minha vida.

João - Está bom, cara. Não te zangues.

Martins - Perdoa-me.

Pai - (De dentro) - Que está acontecendo?

Martins - Nada. Está tudo muito bem.

João - Ele quer se banhar sozinho, papi.

Pai - Diga-lhe que se quer eu o ajudo.

João - Não, ele diz que não quer.

Pai - Bem, não te esqueça de fazer a cama.

João - (A Martins) - Me ajudas?

Martins - Sim. Perdoa-me se gritei com você... (Fazem a cama)

João - Você é cabeçudo, heim?

Martins - Você é que é um cabeçudo. Todo instante você chama seu pai. Não se pode falar com você.

João - É que papai é muito bom, sabe? Me ajuda sempre. Me veste, me banha, me deita... que sei eu!...

Martins - Em que trabalha teu pai?

João - Trabalha de noite...

Martins - Será guarda... ou zelador...

João - Sabes que não sei?... Papi!

Pai - Que é Nenê?

Martins - Cala-te. Não sejas animal!

Pai - Que é Nenê?

João - Diga-me, papai, em que trabalha você?

Pai - Taxis, Nenê. Taxis.

João - Taxis.

Martins - Escuta João. Será possível que não possamos conversar sem que tenhas de chamar teu pai cada momento?

João - O que há? Não gostas de meu papai?

Martins - Você não entende nada. Não te irrita e trata de entender-me.

João - Não, Martins. Se eu nunca me irrita-(há uma pausa)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Martins - Você é um sujeito incrível. Às vezes parece um idiota, porém, outras vezes, te juro, que me surpreendes. Vou tomar meu banho. Sôzinho! (João sorri. Vai subir. Se detém.) Vou te dar um outro livro também que vai te servir... o Dicionário.

João - Ah, sim! Na escola eu tinha um... Eu quero outro.

Martins - Te empresto os dois. Se você encontrar uma palavra que não sabes o que quer dizer, você a busca no dicionário e...tchau.

João - Você me empresta os dois, é?

Martins - Sim João, sim. Te empresto os dois. Desconfiado!... (so-be).

João - Anda, vá banhar-se! Presidente Martins (tira a roupa e deita-se) - Papi! Já estou na cama! (Toma o livro e se põe a ler. Há uma pausa. Esconde o livro. Entra o pai vestido de mulher e com uma peruca. Olha-se no espelho e murmura: "tenho que trocar absolutamente êste espelho...Cada dia me faz mais velha"...Acerca-se lentamente e se senta na cabeceira. João se incorpora a meias e reclina sua cabeça sôbre os peitos postiços de seu pai. Êste o acaricia suavemente. A cena oscila do grotesco ao terno.)

CENA III

Pai - Como está meu Nenê?

João - Bem...

Pai - Estás contente?

João - Sim. (pausa) Esta noite puseste o perfume que eu gosto.

Pai - É o perfume que usam nove de cada dez estrêlas.

João - Você o pôs pra mim?

Pai - Sim, para a mais formosa das criaturas...

João - Que jamais haja pisado...



Pai - ...a terra...(ambos riem da frase aprendida há algum tempo em algum teleteatro.)

Pai - De onde tiramos esta frase?

João - Não te recordas? Foi daquele teleteatro...que iam os dois na camionete...que antes haviam ido jantar...

Pai - Ah, sim! Aquele teleteatro em que êle disse para ela: Não sei que está acontecendo porém estou me enamorando de você.

João - Sim.

Pai - Que horrível era esta novela! Bem, tinha coisas lindas também. A parte aquela em que êle volta da Europa e ela está chorando no porto. Também...êle deixar a pobre menina esperando cinco meses.

João - E ela no final deixou êle.

Pai - E bem que fôz! Ficou com o estudante de ciências económicas, lembra? Aquele rapaz bem moço que conheceu enquanto o coitado do noivo estava na Europa...

João - Sim...tôda essa novela foi triste...

Pai - Eu não gostei. Para mim foi mais ruim que boa (há uma pausa).

João - (com muita ternura) - Papi...

Pai - Que é querido?...

João - Se você fôsse para a Europa...eu morreria...eu não poderia seguir vivendo.(pausa) . Eu morreria.

Pai - (Acariciando os cabelos de João) - Vamos, Nenê. Não pense nestas coisas. Se você e eu somos a mesma pessoa. Nós não vamos nos separar nunca.(pausa)

João - Papi...

Pai - O que é que há? (pausa)

João - Estás gordinho...

Pai - (furioso) - Não me digas essas coisas! Sabes que tenho um trauma com a minha gordura!

João - (so ajoelha na cama) Estás irritado, estás irritado...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



estás irritado...

Pai - Você é mau, heim?

João - Estás irritado...estás brabo! (pausa) Venha!

Pai - Não vou nada!

João - Venha, papi, venha...

Pai - Por que me martirizas?

João - Venha...venha. Incha-me as bochechas.

Pai - (incha e desincha em seguida) - Não te incho nada. Não mereces.

João - Ah, vá. Seja bom, papi.

Pai - Você é um sem-vergonha. Isso é o que você é. (Incha as bochechas de João e os rebenta com as mãos. Repetem este jogo várias vezes, cada vez com maior rapidez. Riem e jogam até entrar em uma verdadeira vertigem de risos e bochechas que se rebentam. Deve-se procurar a livre improvisação dos atores. Há bochechas alegres, tristes, etc.)

Pai - Bem, agora chega. Já é tempo de sonhar com os anjinhos.

João - Joguemos só mais uma vez.

Pai - Não, não, não. Agora terminamos. O Nenô se põe debaixo das cobertinhas e vai dormir...

João - Uma bochecha só...

Pai - Vamos Nenô. Faça caso a teu papai.

João - Não vais inchar uma bochecha?

Pai - Bem, a última está bem? (Incha-o. João a enche e estoura) Aí está. Agora o meu nenezinho bom vai dormir, assim eu posso sair para trabalhar. (pausa). (Cobra João e êste se acomoda.)

João - Papi...

Pai - Que queres agora?

João - Você não vai para a Europa, não é?

Pai - Ai Nenô. Que coisas te ocorrem...

João - Se você vai, eu morro...

Pai - Vamos, não acredito. Você encontraria outro estudante de



ciências econômicas como fez a moça da...

João - Pai, eu estou te falando sério... (pausa) . Beija-o.

João fecha os olhos. Vai até a cômoda olha-se no espelho e pega a pistola. Põe no bolso. Olha pela última vez João e vai sair. Porém volta murmurando :
"Ai, quase esqueço os anticoncepcionais" e pega algo de uma gaveta. Neste momento Martins desce a escada. Ao ver o pai, para estático, imóvel.

Pai - (Sem surpresa nenhuma. Como se fôsse tudo natural, sussurrando) : o Nenê já está dormindo... Eu vou trabalhar...
Como se sente? Tomou um bom banho? (pausa)

Martins - Que?

Pai - (ri) - Vá, vá dormir que já estás dormindo em pé. Até amanhã e descanse bem. (sai)

CENA IV

(Martins sacode a cabeça. Olha absorto em redor sem compreender. João abre os olhos e se incorpora)

João - Já foi? Eu fiz que estava dormindo, viste?... Que está acontecendo com você?

Martins - Nada... nada...

João - Você está triste?

Martins - Não. Ao contrário...

João - Eu fiquei acordado para ler o livro. Falando sério, não estás triste?

Martins - Já te disse que não.

João - Diga-me Martins. Somos ou não somos amigos? Que está acontecendo com você, Martins?

Martins - A única coisa que lamento é que você esteja dormindo aqui. Já sei, já sei o que queres dizer. Eu queria que não tivessem que trocar nada, porém as coisas sempre trocam, não é verdade?



14/10

João - Claro! Como na história...(pausa. Martins o olha assombrado). Aqui diz que se as coisas não mudassem, não haveria história. Eu li há pouco...é a primeira coisa que diz o livro.(pausa)

Martins - Você aprende rápido, heim? Que mais você leu?

João - Isso, nada mais! Ah não! Agora me lembrou. "A mudança pode ser lenta...ou violenta!"

Martins - Muito bom! Pô, você me impressionou!

João - E você pensava que eu não ia entender...

Martins - Eu não quis dizer isso...

João - Ah...encontrei uma palavra e não sei o que quer dizer...

(João abre o livro) - Já te digo.

Martins - Vou buscar o dicionário...assim vamos encontrá-la juntos (sai e volta com o dicionário)

João - Aqui está! "paulatino" Diz: "a paulatina mudança dos acontecimentos."

Martins - Olha bem como se faz...Sabes o significado?

João - Pô, você acha que eu sou ignorante? Já tive um dicionário...

Martins - Não te zangues.

João - Não, Martins, se eu nunca me zango...Eu não gosto de zangar-me, sabes?

Martins - Muito bom. Vamos ver. Com que letra começa paulatino?

João - Com pê de papi.

Martins - Ótimo. Vamos buscar o pê de papi.

João - Deixe-me ver sozinho, para ver se me lembro. O Pê vem depois do "q", não é?

Martins - Sim. O "o" vem depois do "n", o "n" vem depois do "m", o "m" depois do "l"...

João - Chega...Está aqui...Paulatino...pouco a pouco...lento, gradual!...Claro! A mudança paulatina, a mudança lenta. A lenta mudança dos acontecimentos! É bacana o

I CORTES

I CORTES



dicionário, é meio estúpido mas é uma revolução bárbara!

Martins - Como estúpido? (pausa)

João - Isso de arrumar as palavras segundo o abecedário...a, b, c, d,...

Martins - E como você vai ordená-las então?

João - Que sei eu... pelo sentido... a importância...

Martins - A importância? (sorri) Vamos ver, qual é a primeira palavra que colocarias?

João - Eu... papi. Na vida a coisa mais importante é o papi...

Martins - Mas existem bons pais... e pais ruins... (pausa)

João - Eu só colocaria os pais bons... Os outros no final, só em última instância.

Martins - Você é doido, heim?

João - E você que palavra colocaria? (pausa. Martins o olha com doçura. Sabe que João não vai entendê-lo porém igualmente aventura.)

Martins - Eu colocaria... (inconscientemente toca a barba. Fala com pudor e modéstia. Não deseja convencer João) ... Liberdade... Revolução... Amor... Vida... Não estás de acordo?

João - Bem, ... amor eu gosto. (Martins se surpreende) Liberdade. Vida eu gosto também... É tão importante a revolução, heim? (Martins sorri. O relógio acelera).

Martins - (sem ênfase) - É muito importante, João. A história se acelera com a revolução. (Martins o olha. Vê logo em João uma remota possibilidade e decide experimentar o nível de conhecimentos e entendimento de João.) "É arma dos oprimidos... contra os opressores... e a busca desesperada da liberdade... pois o homem é livre por natureza... e são as estruturas do mundo que o fazem escravos." (Pausa. O rosto de Mar-

I
CORTES

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



tins, subitamente muda. A palavra "escravo" lhe dominou. Sua mente se enche de pensamentos amargos sobre o mundo alienado que oprime os seres humanos. Sua voz muda. Há dor e angústia; fala como um alucinado. Sem olhar para João). - A rebelião dos homens contra as estruturas que os reprimem, se chama Revolução e só nela os homens encontram a plenitude de sua liberdade...

João - Você sabe de memória, Martins? (Pausa. Martins desperta)

Martins - (lentamente se levanta e vai até o espelho) - Sim... parece um conto de memórias, sabe? Para as discussões no café da faculdade. (A angústia volta a dominá-lo) - Sabe, João?... Revolucionários... existem poucos... (pausa).

João - O que é que você quer? Que façamos uma revolução? Façamos uma briguinha entre nós dois...

Martins - Cada um, João, cada um deve começar por libertar-se fazendo sua própria revolução... (Desesperadamente, tapa os ouvidos para não escutar-se. Se põe de pé num salto. Mira atônito para João.) - Bem, ...eu vou dormir...

João - Você está triste?...

Martins - Não, estou cansado... (se levanta)

João - Eu estou achando você esquisito, Martins... e para mim, estás triste...

Martins - Tchau. Até amanhã.

João - Martins...

Martins - Que?

João - Venha... (Martins se aproxima) incha-me as bochechas.

Martins - Para que?

João - Você incha... (Martins as incha e João as rebenta)

Martins - Que é que você está fazendo? (ri)

João - Vê. Já se foi a tristeza.

Martins - Também, com um louco como você, com as coisas que vo-



cô faz...Tchau...Até amanhã.(sai)

João - Tchau. Não esqueça de apagar a luz...

Martins - Não te preocupes...Tchau...

(João se acomoda e segue lendo. De quando em quando, busca o dicionário. O tic-tac do relógio fica cada vez mais forte e logo débil)

Martins - (entrando) - Perdoa-me que te interrompa. É que encontrei um livro muito bacana e quero te dar.(Lhe dá o livro)

João - Obrigado. Deixa ver. De que se trata?

Martins - Algo sôbre s...sexo...é muito interessante...estou certo que você vai gostar. (O tic-tac fica bastante forte. Os dois olham o relógio. As agulhas começam a caminhar e o espelho estala.)

FIM DO PRIMEIRO ATO



IIº ATO

NO DIA SEGUINTE CEM ANOS DEPOIS

Iº QUADRO

(Todo o segundo ato se desenrola num emaranhado de livros. Se vê um montão de livros no chão. Há livros e papéis espar- ramados por tôda a parte. A desordem é mais que evidente. O espelho foi trocado e o relógio tem um funcionamento quase normal.)

CENA I

(O pai desce as escadas. Vê a cama vazia. Se dirige para o monte de livros e fala)

Pai - Nenê!... Levanta, Nenê... Até quando vocês vão continuar assim? (olha-se no espelho) - Eu já não aguento mais... Quem sabe a que horas vocês chegaram? (Para o espelho) Tenho que trocá-lo... Não há espelho que sirva... (deixa de atuar diante do espelho e volta ao monte de li- vros) Nenê! Levanta!... (Separa alguns livros do monte e fica descoberto em pé diante do João, debaixo dos li- vros) - Pela última vez, querido, levanta! Vamos... deixa êsses livros!

João - (Agarrado a um livro no modo de almofada) - Estou cansado...

Pai - Claro! Como não vais estar cansado? Tôdas as noites de farra. O que você pensa desta forma de viver? Isto já não é mais uma casa, é qualquer coisa. Já não se sabe onde meter as mãos para começar a arrumá-la. Eu não posso viver em desordem. Já tive demasiada paciência. Es- tou farto de livros e papéis... Claro! A você o que im-

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



sordem e compreende que Martins e João o

naram. Vai até a escada) & MARTINS !!

Martins - (de dentro) - Já desço!

Pai - Venha cá um minutinho que eu quero falar com você.

(pausa)

CENA II

Martins - (secando o rosto) - O que você deseja?

Pai - Martins, com o assunto da poesia, eu esqueci algo muito importante. Onde está o Nenê?

Martins - Está se lavando. Muito boa a poesia, hein?

Pai - Martins... Falemos como amigos, sem rodeios, sem ocultarmos nada... Calcinhas pagas! Como se costuma dizer.
(pausa. Martins arruma as calças) - Onde foram vocês a noite passada?...

Martins - E... Por aí, que sei eu...

Pai - Seja sincero comigo Martins. Aonde você o leva?

Martins - Já lhe digo... Às vezes vamos ao cinema... Outras vezes, caminhamos... Enfim, ... Um pouco de tudo.

Pai - Você está me escondendo alguma coisa. Porque não me diz a verdade? Entre amigos não se deve ocultar nada, você não acha? (pausa)

Martins - Bem (pausa) Estou de acôrdo. Falemos de calcinhas pagas como se costuma dizer. Você, onde vai de noite?

Pai - Quem, eu? A nenhuma parte... Vou trabalhar, não?

Martins - Nos táxis?

Pai - Claro! (pausa. O relógio se acelera)

Martins - Vamos, pai! (Há uma pausa. Se dirige para o quarto)

Pai - Martins... (Martins se detém) - O Nenê também sabe?

Martins - Não sei...



Pai - Já não quer que eu o banhe... (Pausa. Os dois se olham fixamente.)

Martins - E?...

Pai - Não se faça de quem não sabe. Meu Nenê está mudando. Quem tem a culpa, heim?

Martins - Não sei.

Pai - Sim que sabe. Por favor, Martins. Não quero que discutamos. O que acontece é que estou preocupado. Não leve a mal, mas eu não quero que o Nenê siga lendo êsses livros. (pausa) Lhe fazem mal! Você acha normal isso de dormir tôda a noite debaixo de um monte de livros? Meu Nenê antes não era assim. Meu Nenê sempre foi puro.

Martins - O Nenê, o Nenê, o Nenê! Não se dá conta de que o Nenê já tem um par de...

Pai - Não se atreva a falar-me assim. Eu sei tudo que se refere ao Nenê.

Martins - Você não sabe uma ~~coisa~~ ^{coisa} (Martins está a ponto de estourar. Sua ira faz saltar chispas de seus olhos).

Pai - Martins, você está me faltando com o respeito.

Martins - Eu falo como se me canta.

Pai - Eu tenho aprendido a querer-te durante todo êste tempo. Assim você paga o meu carinho?

Martins - ~~Eu pago o meu carinho com o teu carinho.~~ ^{coisa}

Pai - Você é injusto.

Martins - Não me diga! Me recita um versinho sôbre a justiça, papi.

Pai - Eu quero muito o Nenê, sabe? E você não vai tirá-lo de mim- É meu! Eu o criei! O Nenê não está bem da cabeça. Não quero que fique doente.

Martins - O único doente da cabeça é você!

Pai - Eu sou uma pessoa normal! (pausa. Martins o olha com



sarcasmo e logo sai da casa) - Onde você vai, Martins? Onde
vais? Eu estou falando com você! (Fica imóvel, parado e ofe-
gante. João desce a escada lendo um livro)

CENA III

João - Papai, você é um afeminado, com tendências homossexuais?

Pai - Eu sou uma pessoa normal! Nenê, deixa já, imediatamente
êsse livro!

João - O que há?

Pai - Dê-me êsse livro (Tira-o . João volta a pegá-lo. O
pai o tira novamente. Rasga-o e o joga no chão. Há uma
pausa. João se inclina e recolhe o livro.)

João - Você rasgou meu livro.

Pai - Não quero que adoças, querido. (pausa).

João - Adoecer? Me rasgaste o livro!

Pai - Bem, sim, eu o rasquei... Êsses livros te fazem mal ...
Podes ler teus jornais ... Antes investigavas, queri -
do... É muito importante investigar, não é?... Muda êsse
rosto ... Venha, conte-me ... O que você está investi -
gando?

João - Os assaltos nos táxis...(pausa) Está todo amassado!
(pausa)

Pai - Que?

João - O livro...você o rasgou.

Pai - Que estás investigando, Nenê?

João - (gritando) - Martins!...(Vai até o quarto de Martins.
Êste sai) Martins! Papai me rasgou o livro! (pausa)

Martins - (Olha o livro, logo a João e depois ao pai) - Venha,
vamos arrumá-lo. Não te preocupes, João. Se arruma
fácil. (saem).

Pai - (fica sozinho no meio da sala. Vai até a mesa e toma



os jornais de João) - Nonê!...Vou sair e fazer as compras!

Até logo...Meninos,vou fazer as compras...

Martins - (de dentro com mau humor) - Está bem!...(O pai sai com os jornais.)

CENA IV

Martins - (antrando) ...Já se foi...Deixe-o...Não o toques... Não toque! Não vêes que tem que secar a cola?... Venha!...Venha,já te disse! (João entra de costas, olhando o livro que ficou no quarto. Martins a suas costas,grita) - Estou aqui!

João - (gira rapidamente e ficam de frente a frente com os braços separados do corpo) - Você já está me enasando! (Martins se afasta caminhando lentamente para trás,os olhos fixos em João) - Não **nova** esta mão, Sherrif!

Martins - Entrega-te,Jo Alvarez! Não me obrigues a matá-lo.

João - Jamais me entregarei. Não tens autoridade no Novo México,Harry Gutierrez.

Martins - Então prepara-te para morrer.

João - Tu o quiseste Sherrif...Saca! Estou esperando!...

(Ambos se olham fixamente,logo fazem de conta que sacaram e atiram. João cambaleia como ferido de morte e cai no sofá, ficando seus pés em cima do sofá e a cabeça no chão,voltada para o público. Permanece nesta posição. Martins se apoia no respaldo do sofá e olha)

- Que horrível foi êsse filme!

Martins - Não fui eu que escolhi.

João - Quem quis entrar foi a Polaca.

Martins - Agora você mete a culpa na Polaca!

João - Te juro que eu não queria ir ao cinema.



tra vez. Não impede se tens vontade de ir ao cinema. Eu tenho que ir a uma reunião, assim que iremos tomar alguma coisa e nos separamos. Às quatro da manhã nos encontramos no bolicho de sempre e voltamos juntos, está bem?

João - (assente) - Que reunião é essa?

Martins - Os amigos da faculdade.

João - Os revolucionários? (pequena pausa)

Martins - (com dor e carinho) - Esses vão fazer a revolução no dia de São Nuno.

João - Você não conspira com eles?

Martins - Conspirar. Essa é a conspiração dos festivos. (Toca inconscientemente na barba)

João - Porém falam de revolução...

Martins - Ah, isso sim. Falar, falam... (Toca inconscientemente na barba) - Bem, eu vou estudar...

João - Eu vou investigar. (Vai até a mesa)

Martins - Como anda isso?

João - (procurando os recortes) Estou com o assunto da mulher que assalta táxis. Sabes de uma coisa?... Não, não te digo nada. É impossível. Mas é como para suspeitar, sabe?

Martins - Suspeitar o que?

João - Nada, nada. Não me faças caso... (Martins olha o relógio com ligeiro desespero e sai. João não encontra seus diários) - Não estão... Martins!

Martins - (entra) - O que há?

João - Não encontro meus recortes.

Martins - Olhaste bem?

João - Estou seguro que estavam aqui... (interrompe e olha fixamente para Martins, logo, para a porta por onde saiu o pai e novamente para Martins. João se encon-



tira diante da verdade...Ao modo de Édipo fecha os olhos e se senta lentamente no assoalho e adota uma posição fetal. O espelho se racha).

Martins - (se aproxima) - Te acalma, João. Abra os olhos. Abra os olhos.

CENA V

(Entra o pai com um monte de pacotes)

Pai - Ai, que cansado! Quanta gente chata por tôdas as partes! Não há nada para fazer. As compras devem ser feitas bem cedo. A gente come de tudo...Que há?...Nenê, que está acontecendo? Que você faz com os olhos fechados? O que é que vocês estão jogando? Galinha cega? Nenê, não te faça de palhaço...Abra os olhos! Olhe-me...NENÊ! Te ordeno que abra os olhos! Já estou cansado de anormalidades! (João abre os olhos e vê pela primeira vez a real imagem de seu pai. Soa a campainha do relógio. Martins toca inconscientemente a barba e olha o relógio. Este se acelera muitíssimo, porém, debilmente. Pausa) - Nenê!...Porque me olhas assim?... (Se olham fixamente. Apagam-se as luzes.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

IIº QUADRO

CENA I

(João e Martins voltam bêbados. São cinco da manhã. Trazem uma garrafa na mão.)

Martins - Vamos...venha, venha borracho...venha...venha que já estamos em casa. (João entra de quatro pernas e ladrando. Está muitíssimo mais bêbado que Martins)

João - Guau...guau...



bebê...

Martins - E as pílulas que a Polaca toma? Você as conhece?

(Aqui aparece a primeira falha de Martins, mas o diz com compreensão. Nunca deixa de ser carinhoso com João.)

João - As pílulas?...

Martins - Os anticoncepcionais, trousse... A Polaca não pode ter filhos...

João - Eu quero...

Martins - Não sejas cabeçudo...

João - Então eu quero ser mãe...

Martins - E eu quero ser a rainha do Sabá. (Pausa. João fica sério).

João - Eu quero um bebê (chora) Ajude-me Martins. Você é um bom amigo.

Martins - Venha... Vamos para a cama. (O agarra. Tira-lhe a camisa e o deita)

João - Você é bom, Martins. Eu quero um bebê. Nós vamos criá-lo nós dois...

Martins - Não se pode, João... Não se pode...

João - Venha dormir comigo...

Martins - Cala-te sátiro... agora que superaste o trauma, hem?

João - Não quero dormir na cama... Tapa-me com os livros...

Martins - Hoje não, João. Estou cansado São cinco e meia da manhã.

João - Incha-me as bochechas. (Martins o faz e João os rebenta).

Martins - (com doçura) - Você me enche o saco com essas bochechas.

João - Um vício eu tenho que ter, não é? Se você me enche o saco com a revolução e eu não te digo nada...

Martins - Bem, durma... Até amanhã...



João - Martins...

Martins - Durma...

João - Amanhã vamos falar com papai.

Martins - Agora durma e não pense. Amanhã veremos. Não te preocupes...Eu apago a luz.

João - Tchau.

Martins - Até amanhã...(Olha o relógio e logo para João. Sai e apaga a luz. Na escuridão se ouve a voz de João)

João - Era tôda branca...tôda branca...

CENA II

(Uma intensa luz verde inunda o cenário João está parado com o dorso nu no proscênio. Uma música eletrônica mesclada de tormenta e de tic-tac de relógio vai crescendo. É o sonho de João. Duas cordas como pêndulos baixaram do teto).

João - Martins!...Onde estás,Martins?...Papai!...Papai!...

Martins! Não há nada?

Pai - (Aparece em uma das cordas. Tem na cabeça a peruca) - Estou aqui,Nenê...

João - Que fazes aí ,dependurado?

Pai - Marco o tempo,querido; marco o tempo. Tic-tac, tic-tac,tic-tac,tic-tac.

João-Me rasgaste o livro...

Pai - Tens que investigar.tic-tac ,tic-tac...

João - Mentira,que hora é?

Pai - O ano setenta e dois,querido- a era espacial...tic-tac,tic-tac...

Martins - (aparece balançando na outra corda) - Não vás te enamorar,João. É preciso acelerar o tempo. A revolução João. Tic-tac,tic-tac...



João - Era *tôda* branca, com as bochechas cheias...

Pai - Não liguos ao Martins. Olha como marca bem o tempo
teu papi. Tic-tac...tic-tac...tic-tac...tic-tac...

Martins - Chegaste à vida envolto em sangue! Marque a Re-
volução, João...Tic-tac, tic-tac, tic-tac...

Pai - Não faças caso ao Martins. Ele vai embora algum dia
e não vai voltar.

Martins - Vou voltar quando termine de marcar o tempo...

João - Eu também quero jogar...

Pai - Suba comigo, João...

Martins - Venha, João. Marque o tempo comigo.

Pai - O Nenê é meu. Eu o criei.

Martins - Você não sabe marcar o tempo.

João - Eu quero jogar.

Pai - Eu estou em setenta e dois Tic-tac, tic-tac...

Martins - João em 1972 dormiu com a Polaca. Tic-tac, tictac...

João - Vou ser pai!...

Pai - Dormiste Nenê? Dormiste? (Chorando) Tic-tac, tic-tac...

João - Era *tôda* branca, papai...

Pai - A culpa é do espelho...tic-tac, tic-tac, tic-tac...

João - Você não entende; eu já troquei vinte vêzes o espelho.

Pai - Os livros são os culpados...tic-tac, tic-tac...

João - Vou ser pai!

Martins - Aspímulas, tic-tac...aspímulas...tic-tac, tic-tac...

Pai - Eu estou em 72 tic-tac, tic-tac...

Martins - É preciso acelerar o tempo, João. Tic-tac, tic-tac...

João - Eu quero ser pai! ...Deixem-me jogar!

(Martins e o pai repetem ao mesmo tempo) : As pímulas, tic-tac,
As pímulas, tic-tac. As pímulas, tic-tac...

Pai - A era espacial, tic-tac...tic-tac...

(A música cresce; Martins e o pai repetem em off e saem de
cena. João fica só escutando as vozes. Trata de tapar os ou-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



vidos. Apagam-se as luzes e na obscuridade, João grita).

CENA III

(Há uma breve pausa. Aparece Martins acendendo a luz. João está sentado na cama, ofegando.)

Martins - Que há, João?

João - Quero ser pai, Martins, quero ser pai!

Martins - Cálma... Estás sonhando...

João - Quero ser pai...

Martins - Acorda João! Volte à realidade...

Pai - (descendo as escadas) - Que está acontecendo?

Martins - (Inflando a João) - Já passou... Foi somente um pesadêlo.

Pai - Nenê! Nenê querido! Que está havendo? (O abraça)

João - Quero ser pai...

Pai - Bem, querido... como não?... Já passou... Já passou...
A culpa é sua, Martins. Se dá conta do que faz?

João - Deixe-me!

Pai - Nenê! Eu sou teu pai! Sou eu querido!...

João - Deixe-me!... Quero um filho! Não entendem? Quero um bebê! (Há uma profunda mudança em João)

Pai - Nenê!... Estás louco! (A Martins) - Você e seus livros

Martins - Não diga besteiras!

Pai - Vá! Vá embora desta casa! Agarre seus livros e suma-se.

João - Cala-te!

Pai - Nenê, não permito que me levantes a voz.

João - O que é que você não me permite? Tic-tac... tic-tac...

Pai - Nenê, estás louco!

João - Não me chames mais de Nenê!

Pai - Esses são os livros que você lhe dá! (A Martins) Que es-

I
CORTES



tá esperando? Já lhe disse que suma! Agarre esses vros imundos e saia!

João - Martins, não vá!

Pai - Você, cala-te.

João - Martins, fique! (João desperta do grito. Olha absorto em volta. Pausa)

Pai - Ah, sim?... Muito bem... Então seroi eu que irei. (Olha-os. Nenhum dos dois se move.) - Eu vou! (Pausa) - Nenê, estou falando sério... Não dizes nada? Não te importa? (João vacila e baixa os olhos) Está bem! (sai)

João - (há uma pausa) Ele vai ir...

Martins - Não afrouxe...

João - Ele vai...

Martins - Sôbre o que falamos ontem? Agora voltas atrás? É agora ou nunca, João... João!

João - Que?

Martins - Me ouves? Chegou o momento mais importante. Não podes afrouxar. Abra os olhos! Teu velho te rebentou a vida. Te vendou os olhos para enganar-te. Ontem descobriste a verdade. Teu velho é um ladrão e um assassino. Te ~~carrou~~ a vida, João. Pense que até ontem não eras nem sequer um homem. Não podes afrouxar agora. Não podes perdoar. (João vai até o espelho e observa sua imagem o pai desce as escadas com uma valise. Pausa. Está com a peruca e os seios enormes. Evidentemente quer explorar a imagem da mãe).

I
CORTES

Pai - Bem...(melodramático) Chegou o momento supremo. Eu te criei desde criança e rompi a espinha ao nó do berço, recolho agora o amargo fruto da tua ingratição! Adeus, meu filho! (Vai caminhando lentamente. Ao chegar até a porta se detém. É evidente que não pensa em ir-se.



A valise está vazia e segundo seus cálculos João se jogaria nos seus braços. Porém, João se afasta dêle.) - Nenê, eu vou! Olha que nunca mais me verás. (pausa) - Ai, que vou desmaiar! Eu vou desmaiar... Não me sinto bem, não me sinto bem. (Vai buscando a cadeira, para fazer seu espetacular desmaio. Martins adivinha a intenção e tira a cadeira) - Eu desmaio... Não vou desmaiar, nada! (João vai até a cômoda e pega o revólver. Pausa. Mostra-o a seu pai. Este retrocede. João deixa o revólver. A Martins : Você falou pra ôle!

João - Martins não me disse nada! (pausa)

Pai - Tchau, Nenê! (A Martins) - Oxalá você morra ... crucificado! Eu vou. Cada vez que você sair, vai me encontrar... Se você precisar de mim...

João - Saia! (Salta em cima do pai e o arrasta até a porta. O pai resiste desesperadamente. João o golpeia. Salta sangue do rosto do pai e as mãos de João. A peruca cai no chão. Abre a porta e o empurra para fora. Martins lhe alcança a valise. João a pega e a joga pela porta aberta e fecha-a. O relógio se detém. A Revolução foi feita. Pausa.)

Pai - (de fora) - Nenê!...Nenê!...Se me necessitas, chama-me. Estou aqui fora!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 855
Fone: 216.0242 - CEP 50070-025

CENA IV

(A figura de Martins é gloriosa, está satisfeito. A mudança foi feita. Foi feita justiça e sua imagem de revolucionário está satisfeita. João volta lentamente e se senta. Martins o abraça, o levanta no ar, dá voltas com ôle.)

Martins - Bem. Se acabou...(rí) Muito bem, João!

João - Consegui, viste?

Martins - Vou te dar um presente.



João - Um bebê...

Martins - (compreensivo) - Começamos de novo com a paternidade? (enfático) - João, te dou de presente todos os meus livros!

João - Obrigada, Martins.

Martins - Você os merece. Conquistaste. Te dá conta do que significa?

João - Sim, Martins. (João se deprime. Martins o compreende e procura dar-lhe ânimo.)

Martins - Agora és livre! Podes jogar com a vida como te der na cuca! Podes enfrentar o mundo, te dá conta? Podes olhar-te no espelho. (Toca a barba com satisfação. Está enlouquecido pelo triunfo, mas conhece quanto é difícil manter-se. Com tremenda dor e profunda humanidade começa a dizer suas verdades.)
- Não tenha medo. Isto é muito importante. Não tenhas medo! Vão te fazer em pedaços se tiveres medo... A gente está à espera do temeroso para descarregar nele suas frustrações irremediáveis. A era espacial! A realização dos sonhos do homem!... Olhe-os, João! Renunciam a reconhecer-se aqui na Terra e fabricam a ilusão de encontrar a verdadeira dimensão de si mesmos no espaço. Uma dimensão mais satisfatória, um espelho mais indulgente, uma imagem mais aceitável. Imagens, imagens e imagens! Espelhos que lhes digam que são lindos, que o homem é o conquistador do espaço. Imagens que escondem sua miséria. Olhe-os como cacarejam atrás dos rastros de um foguete como maricas inutilizados! A inteligência científica prostituída pela imbecilidade humana! Não se dão conta que viajarão através do universo levando sua castração nas costas. Não deixe que te pisem! Agora



tens muitas cartas para perder, porque sempre perdemos neste jogo de viver, nesta busca do impossível. Jogue-as tôdas, João. Não guardes nenhuma. Jogue como você vai gostar. Não há outra coisa na vida!

João - Sim, Martins.

Pai - (de fora) - Nenê! Estou aqui fora, querido! ... Se precisares de mim, chama-me...

Martins - Não abra nunca, João. Se abrires, estás perdido.
(Martins vai até seu quarto).

Pai - (de fora) - Me ouves, Nenê?

João - (procura animar-se. Martins volta com sua mochila na mão. João grita) - Iuuuuuuuu!... Fizemos a revolução! ... Iuuuuuuuuuu!... (natural) - É agora que fazemos? (o relógio se põe em marcha)

Martins - (com ternura) - Como que fazemos? Faça o que quiser. Sois livre, não? Ânimo, João! (pausa. Com toda a honestidade se dispõe a dizer-lhe a dolorosa, porém inevitável verdade) - Bem, eu vou...

João - Onde vais?

Martins - Eu vou.

João - (pausa) Onde vais?

Martins - Que sei eu?... Vou alçar vôo e perder-me entre as nuvens. Adeus, João. (pausa) Que há? (Martins sabe perfeitamente o que sucede a João e se dispõe a dialogar com ôle para que compreenda que tem que começar de novo.)

João - Você vai?

Martins - (olhando o relógio) - Tenho que ir... Já não precisas mais de mim. Fizeste a revolução. Agora és livre. (Pausa. Outra dolorosa verdade) - Tenho que ir buscar a Polaca.

João - A Polaca?



Martins - Sempre vamos juntos a todos os lugares. Somos inseparáveis.(pausa)

João - Eu queria ser pai...

Martins - João,tens o mundo nas mãos!! (João dá um salto e se coloca diante da porta) - Que fazes?

João - Você não vai!

Martins - (compreensivo) - Você tem que compreender,João.

João - Compreender o que? Que eu quero ser pai na época dos anticoncepcionais? Você não vai! (Há uma pausa) Quem vai me encher as bochechas,heim? (Martins toca inconscientemente a barba)

Martins - (com doçura) - João,o amor é um processo. Tens que superar êsse infantilismo das bochechas.(pausa)

João - Que é o amor?...(pausa)

Martins - Que sei eu...(toca inconscientemente a barba) é um processo...como a revolução. (Pela primeira vez Martins se dá conta de que suas palavras são falsas. Começa a desesperar-se,buscando a fala)

João - Processo?...Frustração...Libertação...Castração...
Revolução...(pausa) Que me fizeste,Martins? (pausa)

Martins - (Explicando e excusando-se) -(Trata de entender o que é que realmente está acontecendo com João) -
Sòmente quis que tirasses teu pai de cima de ti.

João - Eu era feliz com meu pai.

Martins - Teu pai é um delinquente! Você mesmo descobriu!
Queres que eu o chame? Queres voltar para êle?

João - Não.

Martins - Então,que queres de mim?

João - (pausa) Quero que me dê outro papai. (pausa)um que não seja maricas nem delinquente. (Martins começa a compreender que João necessita amor para seguir vivendo; olha o relógio desesperado. Não pode ir sem



saber porque não pode ver e compreender a falta de amor de João, suas bochechas. João corre e pega o revólver) - Você vai me fazer papai, porque senão eu te mato! (Martins o olha fixamente. Não tem medo de morrer. Sômente lhe interessa o bem de João e quer descobrir a verdade do que acontece.)

Martins - Te acalma, João...

João - Ponha a peruca, Martins.

Martins - Escute-me, João...

João - Ponha a peruca! (Martins vacila. Logo, lentamente, põe a peruca. A figura é grotesca, mas há uma certa dignidade em Martins, que supera a imagem. Pausa.) - Venha, Martins, incha-me as bochechas. (Pausa. Finalmente Martins o faz. João as rebenta cada vez com mais raiva.) - Encha-me as bochechas!... Encha-me as bochechas!... (Se detém ofegante) - Está bem, agora vá embora... (Martins segue sem compreender)

Martins - Não tenho um pai novo para dar-te... Tens que começar tudo sôzinho...

João - Está bem... Vá embora!

Martins - A culpa não é minha!

João - Já sei... Estamos em setenta e dois.

Martins - Algum dia eu vou voltar.

João - Já sei... quando terminem de marcar os tempos...

Martins - (com dor) - Adeus, João.

João - Martins, deixe a peruca. Vão pensar que você é maricas. (Martins vai tirar a peruca e descobre sua imagem no espelho. Se aproxima. Tira a peruca e descobre; de repente seus olhos se abrem desmesuradamente e sua mão toca a barba. Começa a compreender. Olha a peruca. Olha sua imagem que pela primeira vez não o satisfaz. Compreende que ficou prêsô do mesmo problema que denunciava e que fez a revolução também pa-



ra satisfazer uma imagem de si mesmo. Compreende que esta imagem lhe cegou a visão da totalidade de João e então com desespero arranca a barba. Se despoja de sua imagem alienante. Martins somente viu a necessidade de mudança e não viu o "bebê" que simbolizava a criação vital do erotismo liberado, nem as "bochechas", expressão vital individual do amor. Mas Martins não viu isso porque não queria ver, senão porque a necessidade de satisfazer uma imagem alienada de revolucionário lhe cegou a visão total. João está prostrado no sofá. Martins tenta aproximar-se dele e inchar-lhe as bochechas, porém o relógio dá a hora com uma badalada. Já é tarde. O tempo da revolução terminou. Martins sai lentamente. João se incorpora e corre até a porta gritando: "Martins" - O pai de fora o chama: "Nenê, estou aqui fora, se precisares de mim, chama-me." João se sente só. Olha em volta e descobre a barba e a peruca. Nem mamãe, nem papai. Somente uma barba e uma peruca, duas alienações frente a ele para eleger. Então vê o revólver. Pega-o e levanta-o até seus olhos para suicidar-se. Então descobre o público. Deixa o revólver e vai até a platéia:

" Não há alguém, nem sequer uma pessoa, que me incha as bochechas..." Desce até a platéia e busca alguém que lhe oncha as bochechas. Logo voltará ao cenário e olhando o espectador que o haja feito:

" ALGUÉM EM 1972 ME INFLOU AS BOCHECHAS."

APAGAM-SE AS LUZES.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025